

NUNO HORTA

ANIMALIA

Nuno Horta regressa, em *Animalia*, aos seus estranhos personagens mascarados, aglutinadores do belo e do perturbador, em fotografias que se tornam inevitáveis ímanes visuais para um olhar impossível de ficar indiferente. Com o terrorífico novamente sugerido, em preto e dourado, de poses rígidas, numa selva urbana fantasiada, a presença destes seres misteriosos, agentes glamorosos do medo, é ao mesmo tempo agressiva e sedutora. Espécie de semicentauros invertidos, de corpo antropomórfico e cabeça animalesca, poderiam transportar-nos para o ambiente na mansão da derradeira película de Stanley Kubrick, o poderoso e inesquecível *De olhos bem fechados*. Esta fauna mitológica alternativa evoca um imaginário de fábulas de terror nas quais os animais se transfiguram para a morfologia humana, como que disputando um domínio sobre a natureza, uma guerra que se iniciou nos primórdios da criação. Mas o mais interessante neste exercício é talvez a forma como a máscara tende a desaparecer, fundindo-se no conjunto, ganhando vida no todo. Estes seres não são pessoas mascaradas, são entidades híbridas criadas pela mente e saídas de pesadelos de infância. Raposa, lobo, cabra, porco, tigre, veado. Ou o Corvo de Allan Poe. Ou *Moby Dick*, a baleia enfurecida de Melville. Ou o *Triunfo dos Porcos*, de Orwell, metáfora maior de uma sociedade impiedosa.

[...] Quando finco o dente em carne alheia
Sou a nódoa escondida, a vergonha do progresso
A desgraça a que leva uma vida de excesso
Sou o lobo mau de que todos têm medo
Sou o lobo mau de que todos têm medo.”

Adolfo Luxúria Canibal (da letra do tema “Lobo Mau”, *Mão Morta*)

Sérgio Currais

Outubro, 2015

NUNO HORTA

ANIMALIA

Nuno Horta returns, in *Animalia*, to his masked characters that gather both the beautiful and the disturbing, in a set of photos that become inevitable magnets to the eye, and that make indifference just impossible. Again with some kind of terrifying suggestion, in black and golden, with straight poses, in a fantasized urban jungle, the presence of these mysterious beings, glamorous agents of fear, becomes at the same time aggressive and seductive. Some kind of inverted centaurs, with anthropomorphic bodies and animalistic heads, they remind us of the ambiance of the mansion in Kubrick's last movie, the mighty and unforgettable *Eyes wide shut*. This alternative mythological fauna summons this imagery of the horror tales, in which animals transmute to human forms, claiming a certain dominion of nature, a war that has been waged since the beginnings of creation. The most interesting point in this exercise is maybe how the mask tends to vanish, coming to life and melting with the whole. These beings are not masked people, they are hybrid entities created by the mind and born in childhood nightmares. Fox, wolf, goat, pig, tiger, deer. Or Allan Poe's the Crow. Or Moby Dick, Melville's enraged whale. Or George Orwell's *Animal farm*, superb metaphor of a ruthless society.

"[...] When I close my jaws in someone's flesh
I'm the hidden stain, the shame of progress
I'm the disgrace made of a life of excess
I'm the big bad wolf that everyone fears
I'm the big bad wolf that everyone fears."

Adolfo Luxúria Canibal (from the song "Lobo Mau", Mão Morta)

Sérgio Currais

October, 2015

NUNO HORTA

DE OLHOS BEM ABERTOS. PUM!

“Um novo mandamento vos dou: Que vos ameis uns aos outros; assim como Eu vos amei, vós também vos deveis amar uns aos outros.”

S. João 13:34

A objectiva de Nuno Horta aspira à comoção dos sentidos, à comunhão da fotografia retratista com paixões de um quotidiano que se mascara, inventando e, quiçá, reinterpreta saberes e ambições que não transcendem o Ser, antes o aprisionam em humanidade díspar entre si, em vez de os acutilar nos seus anseios mais primários: o desejo que se mistifica e animaliza como em metamorfoses que nos confortam e nos permitem o essencial dos sentidos: o Prazer.

No entanto, colore a negro – como preto fecundo do lodo deposto pelas águas do Nilo – cenários de peças de sensualidade mácula e/ou obscura: trevas ou a noite de todo o contentamento como o pigmento de Johann Conrad Dippel.

Verdade ou pecado?

Fique o espectador ante estes flashes, saboreando a abundância animalia ou as tentações de Antão ou a luxúria humana ou simplesmente a beleza e a exuberância do Ser e do sermos! A Natureza na sua sublime Arte.

O transcendente no real quotidiano em Leibovitz ou Nan Goldin; o transcendente numa encenada estética artística em Witkin ou Saudek; o transcendente do real encenado numa estética artística cerebral e empírica em fotografias de Nuno Horta, num palco que também é vida e quotidiano.

Nesta colecção Animália, Nuno Horta surpreende-nos por uma atitude cénica mais simples, traduzindo uma maturidade nos temas que interpreta, decifra e exprime na sua acção fotográfica – como resultado, fotografias auto interpretativas – ao essencial, enfoque para metáforas, parábolas e mistificações como narração alegórica que traduz a devoção pelo corpo, pelo humano, pelo mito, envolvido num preceito moral que cruza, em penumbra, o Homem e a Mulher, escudados do próprio de si, dos seus devaneios ou anseios, por zoomorfoses.

NUNO HORTA

Pecado versus virtude ou o seu contrário? – Na virtude o pecado omisso! – Deus ou o Demónio; o prazer ou a abstinência; a abundância ou a escassez; o Amor ou a ausência; o desejo ou a fraude; a Vida ou a Morte; o ser ou o não ser; ou, simplesmente, o sonegar ao Ser Humano da face, conferindo-lhe símbolos e mitos que o resgatam das malhas de uma qualquer condenação mundana, outorgando-lhe o direito de momentos, apenas e tanto, de animalidade, urbe ou rural, mas sempre defendidos, esses momentos, por caprichos de uma natureza extra-humana, permissiva e lasciva, para uma Alma Pura, que se resgata pelo sacrifício animal, tal Dido por Eneias, Gilgamesh por Enkidu, Pedro por Inês, ou Eu – anónimo – por Ti – ninguém ou ausência de identidade.

Em última instância, infra-humana!

A máscara dourada como maçãs de Hipómenes para seduzir Atalanta e resgatar o seu Amor, cumprindo-se o desejo de posse pela corrida que se vence: suor, cansaço e, de novo, o luxo perpetuado pelo ouro que nos inebria e entontece os sentidos. Tal macho ou fêmea ou os contrários ou os mesmos: trocas e selos de cumplicidade assumida e rejeitada, num lado a lado, nada ingénuo ou desprovido de sentidos reflectidos.

Esta colecção não é ingénua; não é apenas provocadora; também é erótica, estimulante, sedutora e sensualmente sensitiva para olhos de Alma Pura. Para gente que se assume sem tabus de mediocridade infame para o ser animal de que somos feitos ou criados.

Matéria negra que precede a Luz. Simbólica do Apocalipse ou Fiat Lux como precedência cromática da Criação. Génese e fruição de uma fecundidade artística como nuvens escuras que fecundarão a Terra, como elemento fecundado caracterizada pelo supremo dom de gerar: The Wolf & the Fox; The Fox & the Wolf; The Goat; The Pig; The Tiger; The Deer!

Masked Ball!

Ao ouvir Jocelyn Pook, Flood, reporto-me a máscaras que interpretam o duplo papel: vendar / desvendar. Ou seja, entendo a necessidade, na urbe actual, do Ser Humano se confrontar com mitos passados que se reinterpretem, numa actualidade mediática, como formas de estar, pensar e sentir de cada individuo

NUNO HORTA

como demiurgo, que, possuindo os seus anseios, promove a sua atuação no palco da Vida e do quotidiano.

Parafraseando Susan Sontag, in Olhando o Sofrimento dos Outros, "As intenções do fotógrafo não determinam o sentido da fotografia, que terá a sua própria carreira, impulsionada pelas paixões e fidelidades das diferentes comunidades que a utilizem". Assim acontece com os símbolos ou parábolas, neste caso, fotografias como narração alegórica que envolve um preceito moral: Animália como função de ilustrar o desejo e a cumplicidade numa linguagem metafórica de criação do prazer e a respectiva recriação. Mas sem idolatria. Antes a linguagem de humanidade!

Animália! Tripúdio de prelúdio?

Sob a égide do ouro: o Lobo, luxúria e ambição, animal de Poder, com enorme capacidade para amar, mas com um carácter individualista e solitário; a Raposa, astuta e demónio do fogo e com capacidades únicas de sedução, na China são animais voluptuosos (curiosidade: testículos de raposa macerados no vinho eram considerados um elixir infalível de amor) e na Ásia são símbolos eróticos; o Bode, associado à luxúria e à fertilidade, está ligado a Pã, Dionísio e Zeus; o Porco, para católicos é símbolo da tentação e luxúria, impuro para judeus e muçulmanos, mas é associado também à fertilidade e à prosperidade no Antigo Egipto e no Norte da Europa; o Tigre, impetuoso e apaixonado, representa a beleza, a vaidade e a astúcia; o Veado, emblema solar de fertilidade, com forte simbolismo divino, com as suas hastes representam a Árvore da Vida e a regeneração, como fervor sexual figura ao lado de Afrodite e Adónis.

Acabo esta minha dissertação sobre este conjunto fotográfico de obras que compõem a colecção Animália, de Nuno Horta, com a onomatopeia:

PUM! – de olhos bem abertos porque somos animais... e porque não? – PUM! – caçador ou presa? – PUM! – porque cair vale a pena! PUM! Animália! PUM!
Basta pum basta!!! Viva o Amor, viva! PIM!

Vieira Duque

Outubro, 2015

NUNO HORTA

EYES WIDE OPEN. PUM!

"A new commandment I give to you: that you love one another: just as I have loved you, you also are to love one another."

St. John 13:34

A lens of Nuno Horta aspires to the commotion of the senses, to the communion of portrait photography with passions of a daily life that masks itself, inventing and, perhaps, reinterpreting knowledge and ambitions that do not transcend the Being, but most of all imprison it in an unequal humanity, instead of striking them in their most primary ambitions: the desire that mystifies and makes a beast of itself as in the metamorphoses that comfort and allow the essence of senses: Pleasure.

However, he colours black – like the fertile black of the mud disposed of by the waters of the Nile – scenarios with pieces of maculated and/or obscure sensuality: the darkness or the night of all the contentment as the pigment of Johann Conrad Dippel.

Truth or sin?

May the spectator remain in front of these flashes, tasting either the animal-like abundance of the temptation of Anthony, or the human lust, or simply the beauty and the exuberance of the Being and for existing! The Nature in its sublime Art.

The transcendent in the real everyday life in Leibovitz, or Nan Goldin; the transcendent in a staged artistic aesthetic in Witkin or Saudek; the transcendent of the real staged in a cerebral and empirical artistic aesthetics in the pictures of Nuno Horta, on a stage that is also life and everyday.

In this collection Animália, Nuno Horta surprises us with a more simple scenic attitude, reflecting a maturity in the themes that he interprets, deciphers and expresses in his photo action – as a result, self-interpretative photographs – the essential focus for metaphors, parables and mystifications as an allegorical narration, which translates the devotion for the body, for the human, for the myth, wrapped in a moral precept, that crosses, in the shade, Man and Woman, away from themselves, their daydreaming or longings, by means of zoomorphoses.

NUNO HORTA

Sin versus virtue, or it's the opposite way? – In virtue the omitted sin! – God or Devil; pleasure or abstinence; abundance or scarcity, Love or the absence, a desire, or fraud; Life or Death; to be or not to be; or, simply, taking away the face of the Human Being, giving it symbols and myths that rescue it from the meshes of any mundane condemnation, granting him the right to have moments, nothing much, of animal behaviour, urban or rural, but always defended, these moments, by the vagaries of permissive and lewd extra-human nature, to a Pure Soul, who is redeemed by animal sacrifice, such Dido for Aeneas, Gilgamesh for Enkidu, Pedro for Inês, or I – anonymous – for You – nobody or the absence of identity.

In the last instance, the infra-human!

The golden mask like apples of Hippomenes to seduce Atalanta and rescue his Love, fulfilling the desire of possession through the victorious race: sweat, fatigue, and, again, the luxury perpetuated in the same gold that inebriates and trick the senses. Male or female, or the opposites, or the same: exchanges and seals of assumed and rejected complicity, side-by-side, not naive or devoid of reflected senses.

This collection is not naive; it is not simply provocative; it is also erotic, stimulating, seductive, and sensually sensitive to the eyes of the Pure Soul. For people who are able to come out with no taboos of infamous mediocrity to be the animal that we are made of or created from.

Dark matter that precedes the Light. Symbolic of the Apocalypse, or Fiat Lux, as chromatic precedent to the Creation. The genesis and fruition of an artistic fertility as the dark clouds that will fertilise the Earth, the impregnated element characterized by the supreme gift of creation: The Wolf & the Fox; The Fox & the Wolf; The Goat; The Pig; The Tiger; The Deer!

Masked Ball!

While listening to Jocelyn Pook, Flood, I refer to the masks that play a double role: to hide/to disclose. That is, I understand the need, in the present day urban life, by the Human Being to be confronted by old myths, which are reinterpreted in a media-ridden reality, as ways of being, thinking and feeling by each individual as a demiurge, who promotes his/her performance on the stage of Life and of the everyday out of his/her longings.

NUNO HORTA

Paraphrasing Susan Sontag, in Regarding the Pain of Others "The photographer's intentions do not determine the meaning of the photograph, which will have its own career, blown by the whims and loyalties of the diverse communities that have use for it". So it is with symbols or parables, in this case, photographs as allegorical narration, which involves a moral precept: Animália with the function of illustrating the desire and complicity in a metaphorical language for the creation of pleasure and recreation. But without idolatry. Nothing but the language of mankind!

Animália! Reproaching of the prelude?

Under the aegis of the gold: the Wolf, lust, and ambition, animal of Power, with enormous capacity to love, but with an individualistic and solitary character; the Fox, cunning and fire devil, and with unique skills of seduction, in China they are voluptuous animals (fun fact: the macerated testicles of fox added to wine were considered to be an unfailing love elixir) and in Asia they are erotic symbols; the Goat, associated with lust and fertility, is connected to Pan, Dionysus and Zeus; the Pig, for Catholics is a symbol of temptation and lust, unclean to Jews and Muslims, but it is also associated with fertility and prosperity in Ancient Egypt and in the North of Europe; the Tiger, fiery and passionate, represents beauty, vanity and cunningness; the Stag, emblem of the sun, of fertility, with a strong divine symbolism, with its antlers representing the Tree of Life and regeneration, as sexual fervour stands next to Aphrodite and Adonis.

I finish my dissertation on this photographic ensemble of the works that compose the Animália collection, by Nuno Horta, with the onomatopoeia:

PUM! – eyes wide open, because we are animals... and why not? – PUM! – hunter or prey? – PUM! – because it is worth to fall! PUM! Animália! PUM!

Enough pum enough!!!
Hurrah for Love, hurray! PIM!

Vieira Duque

Outubro, 2015